

Do mar das idéias ao mar das letras: algumas navegações sobre a leitura e a escrita

Gláucia de Souza*

*Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e
arvoredos.
Desvendadas a noite e a
cerração,
As tormentas passadas e o
mysterio,
Abria em flor o Longe, e o Sul
siderio
Splendida sobre as naus da
iniciação.
PESSOA, Fernando. Mensagem. In:
Obra poética. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1986, p. 12)*

1 Leitura e escrita: destinos de uma dupla viagem

Falar de leitura e de escrita é falar de uma dupla viagem: a primeira, a que o ser humano empreendeu desde que se viu falante e desejoso de registrar sua própria história; a segunda, a que cada ser humano empreende em sua vida, desde que aprende a falar. Somos todos herdeiros dessa primeira viagem coletiva. Desde os homens primitivos, tentamos registrar nossa memória através de símbolos que transpassem os anos: pinturas rupestres nas paredes das cavernas, hieróglifos nos papiros, letras feitas por monges copistas, páginas impressas em livros, *blogs* acessados pela internet... Na segunda viagem, refazemos em escala individual um pouco do caminho percorrido pela humanidade: pelas mãos de pais, de professores, de bibliotecários, tentamos registrar nossas idéias através de desenhos, garatujas, palavras, pequenos textos, diários etc.

* Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação da UFRGS. Autora de livros para crianças. Especialista em Literatura Infantil pela PUCRS, Mestre em Educação pela PUCRJ, Doutoranda em Teoria da Literatura na PUCRS.

O fato é que o ser humano não seria o mesmo sem a escrita, apesar de muitos ainda não poderem ter acesso a ela. Segundo Manguel (1997, p. 207), o homem inventou o leitor ao inventar a escrita: "O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que os decifrasse, que reconhecesse seu significado, que lhe desse voz." Ler e escrever deveriam ser a viagem a ser empreendida por aqueles que freqüentam a escola.

Contudo, conforme destacam Cavallo e Chartier (1999), as campanhas de alfabetização de massa sempre privilegiaram a capacidade de ler e não a de escrever, revelando uma forte ideologia por trás de um enfoque pedagógico e indo ao encontro do interesse da indústria editorial no público de leitores e não de escreventes. Isso se deve ao fato de que é possível controlar o que as pessoas estão lendo, mas, no caso da escrita, o controle e a censura se tornam bem mais difíceis, já que ela é uma atividade de iniciativa individual e livre.

Cabe à escola, assim, ser o espaço também de promoção da escrita e a nós, professores, refletir sobre que formas podem nos servir de suporte para incentivar a produção de textos por partes de nossos alunos.

Hauser afirma, acerca da promoção da leitura, que, quanto mais complexo o texto ou menos entendidos os receptores, mais necessária a mediação de professores, de diretores, de intérpretes e de críticos (Hauser, 1977, p. 590). O mesmo ocorre com a escrita: para existir plenamente, o que escrevemos tem ser lido, entendido, e também discutido. Nesse sentido, arriscamos dizer, a partir da reflexão de Hauser, que a escrita precisa também de mediadores.

2 Leitura e escrita: viagem partilhada por todos

Que professores, diretores, intérpretes e críticos podem e devem ser mediadores de leitura e de escrita é ponto pacífico. A questão a ser discutida é se podem ou não outros alunos assumirem tal função. Sobre esse assunto, partimos dos estudos de Vygotsky no que esse autor diz sobre a interação. Para ele, o controle do ambiente através da fala precede o controle do próprio comportamento. Esse fato tem como consequência a produção de novas relações com o ambiente e uma nova organização do próprio comportamento. A interação entre indivíduos humanos é fundamental para o aprendizado (Vygotsky, 1991, p. 33). É através da interação professores-alunos, alunos-alunos e professores-professores que cada indivíduo pode ampliar seu desenvolvimento real, tanto na leitura quanto na escrita.

Tais interações no processo de aprimoramento da leitura e da escrita vêm a ser facilitadas em função do desenvolvimento das novas tecnologias. No que diz respeito à leitura, diz-nos Chartier (1998) que, com o texto eletrônico, a idéia de uma biblioteca universal torna-se imaginável. Em uma biblioteca eletrônica, afinal, pode-se pensar em "compartilhar aquilo que até agora era oferecido apenas onde o leitor e o livro deveriam necessariamente estar juntos" (Chartier, 1998, p.119). Se, operacionalmente, as novas tecnologias podem servir de suporte para o desenvolvimento da leitura e da escrita, elas, ao mesmo tempo, fundam uma nova forma de ler e de escrever, baseada na fragmentação do texto.

Se, por um lado, a escola (e, como parte dela, os professores) freqüentemente propõe um modelo de leitura e de escrita linear, por outro, cada vez mais as novas tecnologias apresentam suportes de leitura e de produção coletiva de texto em forma de hipertexto que transformam quem lê e quem escreve em condutor de seus caminhos de leitura/escrita, em capitão de sua própria viagem, em guia também nas navegações dos outros. Ao entrar em contato com ferramentas como *blogs*, *flogs* (porque a imagem também pode ser lida e construir narrativas), *equitext*, *livros virtuais* etc., seus usuários são convidados à leitura de textos produzidos por um outro sujeito ou grupo. Contudo, sua leitura não é passiva em virtude da possibilidade técnica de inserção de comentários, de sugestões e também de continuações para um texto iniciado.

Ao participar de uma comunidade de escrita coletiva, o leitor torna-se também sujeito daquilo que lê, na medida em que lhe é permitido participar do processo de criação do grupo. Ao ler, torna-se crítico e expõe sua reflexão em sua própria escrita que ganha outros leitores. Cria-se, assim, uma comunidade de leitores-escritores e de escritores-leitores de que podem participar todos os que se disponham a colaborar entre si: professores, alunos, visitantes, pessoas em lugares distantes, com culturas diferentes, desde que unidos pela mesma língua, ou, no caso dos *flogs*, pela mesma linguagem em que se expressam.

O encontro desses dois modelos de leitura/escrita, o linear e o em forma de hipertexto, pode causar, por parte da escola, um juízo de valor que a leve a considerar as ferramentas disponíveis na internet para a produção coletiva de texto como uma ameaça ao modelo convencional de leitura e de produção de texto. Contudo, ao desconsiderar as formas de

leitura/escrita em hipertexto, estamos desconsiderando, também, que elas estão disponíveis no mundo em que vivemos, são de conhecimento de muitos e, se não o são, podem nos proporcionar momentos produtivos de interação entre sujeitos aproximados pela escrita, mesmo que presencialmente distantes, bem como vivências culturais diferentes das nossas.

3 Porque tudo vale a pena, se a alma não é pequena

Concluimos nossa reflexão destacando que, nos dias de hoje, a escola deve lançar mão de diferentes instrumentos de proporcionar não só a leitura e a escrita, mas também a reflexão e a discussão dessas em seu processo. Os programas de escrita compartilhada podem ser mais uma das formas de despertar o gosto pela viagem através da leitura e da escrita, quer de nossa produção coletiva, quer de nossa produção individual.

Muitos podem ser os questionamentos de um professor que procura nas novas tecnologias um instrumento que desperte seus alunos para novas descobertas. Tais questionamentos devem ser vistos como parte de nosso roteiro de viagem, que, por mais árdua que pareça, vale a pena, como nos escreveu Fernando Pessoa (1986, p. 16) ao falar das dificuldades e das dores encontradas por seu povo na conquista do mar: "Valeu a pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena./ Quem quiere passar além do Bojador/ Tem que passar além da dor./ Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,/ Mas nelle é que espelhou o céu."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. V.2. São Paulo: Ática, 1999. p. 203-227.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

HAUSER, Arnold. *Sociología del arte*. V.4. Barcelona: Labor, 1977.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PESSOA, Fernando. Mensagem. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.